



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BELÉM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LAILA CRISTINA DOS SANTOS COELHO

**DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

BELÉM-PA
2025

LAILA CRISTINA DOS SANTOS COELHO

**DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Celita Maria Paes de Sousa

BELÉM-PA
2025

LAILA CRISTINA DOS SANTOS COELHO

**DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Celita Maria Paes de Sousa
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a Karla Nazareth Correa de Almeida
(Examinadora)

Prof. Msc Almira Celia de CristoTeixeira
(Examinadora)

Data da defesa: 28/03/2025.

Conceito: _____

BELÉM-PA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. À minha orientadora, Celita Maria Paes de Souza, pela paciência, dedicação e pelas valiosas orientações ao longo de todo o processo de elaboração deste TCC. Agradeço também aos professores e colegas, cujos ensinamentos e trocas de ideias enriqueceram minha formação acadêmica.

A minha família, que sempre esteve pelo apoio constante e pela confiança em minha jornada, são a base que me motiva a seguir sempre em frente. Agradeço, ainda, aos profissionais da área da educação infantil, cujas experiências e práticas, por meio da literatura e do convívio, foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Por fim, um agradecimento especial ao meu esposo, Danilo da Costa Vieira, que foi meu parceiro e meu maior incentivador. Sua paciência e amor foram essenciais para que eu pudesse me dedicar a este projeto. Obrigada por acreditar em mim e por estar sempre presente.

A todos vocês, meu sincero agradecimento!

“A escrita é uma forma de brincar com o mundo, e no brincar a criança começa a escrever sua própria história.”

(EMILIA FERREIRO)

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Laila Cristina dos Santos Coelho

RESUMO

O presente trabalho analisa o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na primeira infância, com base nos pressupostos teóricos de Lev Vygotsky. Parte-se do princípio de que a linguagem se constitui em um processo sociocultural, no qual a interação com o meio e com os outros desempenha um papel central na apropriação da escrita. Para tanto, a pesquisa se apoia nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), identificando os campos de experiência que abordam a ludicidade e a construção da linguagem escrita. A metodologia adotada é de caráter qualitativo, por meio de revisão bibliográfica fundamentada em Vygotsky e em estudiosos que exploram a relação entre linguagem e desenvolvimento infantil. Os resultados apontam que a aprendizagem da escrita não deve ser antecipada de forma mecanicista, mas sim promovida em contextos significativos que estimulem a expressão e a comunicação. Dessa forma, a abordagem pedagógica deve considerar o desenvolvimento global da criança, favorecendo sua inserção na cultura letrada sem negligenciar sua vivência lúdica e interacional.

Palavras-chave: linguagem oral, escrita, desenvolvimento infantil, Vygotsky, educação infantil.

DEVELOPMENT OF ORAL AND WRITTEN WRITTEN LANGUAGE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

This work analyzes the development of oral and written language in early childhood, based on the theoretical assumptions of Lev Vygotsky. It starts from the principle that language is constituted as a sociocultural process, in which interaction with the environment and with others plays a central role in the appropriation of writing. To this end, the research relies on the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (2009) and the National Common Curricular Base (BNCC/2017), identifying the fields of experience that address playfulness and the construction of written language. The methodology adopted is qualitative, through a bibliographic review grounded in Vygotsky and scholars who explore the relationship between language and child development. The results indicate that the learning of writing should not be anticipated in a mechanistic way, but rather promoted in meaningful contexts that stimulate expression and communication. Thus, the pedagogical approach should consider the overall development of the child, favoring their insertion into the literate culture without neglecting their playful and interactive experiences.

Keywords: oral language, writing, child development, Vygotsky, early childhood education

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA	9
3 A TEORIA DE VYGOTSKI E A MEDIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA	13
4 PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA NA PRIMEIRA INFÂNCIA	17
4.1 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DE 2009	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma etapa essencial no desenvolvimento integral das crianças, sendo a base para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sociais e linguísticos. Nesse contexto, a escrita desponta como uma habilidade e um processo primordial que transcende a simples comunicação, representando um instrumento de expressão e interpretação do mundo. Contudo, o desenvolvimento da escrita na educação infantil apresenta desafios significativos, especialmente quando abordado de maneira descontextualizada e desvinculada de práticas que despertem o interesse e a motivação dos educandos. O brincar, enquanto atividade espontânea e cultural, constitui um ambiente favorável para a construção do conhecimento, possibilitando uma abordagem lúdica e significativa para o aprendizado da escrita (Vygotsky, 2008; Kishimoto, 2010).

A escolha do tema justifica-se pela relevância de promover práticas educacionais que valorizem o protagonismo infantil através da escrita e práticas lúdicas no contexto de desenvolvimento global das crianças. O lúdico, muitas vezes subestimado no processo de alfabetização, revela-se uma ferramenta poderosa para enfrentar a problemática central deste estudo: como as atividades lúdicas podem contribuir para o desenvolvimento da escrita na educação infantil? Essa questão surge em meio à necessidade de superar abordagens tradicionais, que frequentemente desconsideram as características peculiares dessa faixa etária, suas demandas, seus contextos sociais e culturais.

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica, fundamentando-se em referenciais teóricos e documentos oficiais para embasar a discussão sobre o papel do lúdico no processo de apropriação da escrita na primeira infância. O estudo tem como principais fundamentos teóricos as contribuições de Lev Vygotsky, cuja abordagem histórico-cultural oferece subsídios relevantes para compreender o desenvolvimento infantil e a mediação pedagógica. Além disso, são analisados documentos normativos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que orientam a prática pedagógica no contexto da Educação Infantil. Essa abordagem bibliográfica permite uma análise aprofundada dos conceitos e práticas relacionados ao tema, promovendo uma compreensão ampla e crítica sobre a importância do lúdico na construção da linguagem escrita pelas crianças pequenas.

Por fim, a contextualização do tema remete à importância de repensar práticas pedagógicas que respeitem a singularidade da infância e integrem a ludicidade como

estratégia central. A educação infantil, como primeira etapa da educação básica, deve priorizar metodologias que considerem o brincar como um elemento indispensável para a construção do conhecimento, reconhecendo que é por meio dele que as crianças se conectam com o mundo e desenvolvem habilidades fundamentais, como a escrita, de forma espontânea, prazerosa e curiosa.

O objetivo principal deste trabalho é investigar a influência das atividades lúdicas no processo de desenvolvimento da escrita na educação infantil, buscando evidenciar como essas práticas podem facilitar a aprendizagem e torná-la mais significativa. Especificamente, pretende-se analisar abordagens teóricas que fundamentam a relação entre o lúdico e a escrita.

Este trabalho está estruturado em cinco seções, a saber: a primeira é destinada à introdução; a segunda apresenta reflexões sobre a linguagem oral e escrita; a terceira discute a partir das contribuições teóricas de Vygotski, os pressupostos do desenvolvimento da escrita na infância; e por último, as perspectivas pedagógicas para o desenvolvimento da escrita.

2 REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

A escrita, enquanto prática social, é um elemento essencial na educação infantil, pois permite à criança se apropriar das ferramentas culturais que estruturam o pensamento e a comunicação. Vygotski (1991) argumenta que o aprendizado da escrita não é um processo natural como a fala; ele precisa ser mediado por interações significativas e pela participação em atividades sociais que envolvam o uso da linguagem escrita.

Miller e Mello (2008) destacam que a introdução da escrita deve ocorrer de forma lúdica e contextualizada na educação infantil. Nesse sentido, práticas que estimulam o contato com símbolos gráficos, como nomes próprios, listas, desenhos acompanhados de legendas, e jogos de associação entre letras e palavras, são fundamentais. Essas atividades permitem que as crianças comecem a compreender a relação entre os símbolos escritos e seus significados.

O estudo Miller e Mello (2008) traz reflexões fundamentais sobre a aquisição da escrita na infância, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas que respeitem o desenvolvimento natural das crianças. Baseando-se na teoria histórico-cultural de Vygotski, as autoras defendem que a aprendizagem da escrita não deve

ocorrer de maneira mecânica ou antecipada, mas sim em um contexto lúdico e socialmente significativo.

Ainda, a escrita nessa fase deve ser entendida como um processo em construção, no qual as crianças formulam hipóteses sobre seu funcionamento. Essa perspectiva valoriza o erro como parte integrante da aprendizagem, enfatizando a necessidade de ambientes educativos que incentivem a experimentação e a exploração da escrita.

Um dos principais pontos abordados é a crítica à antecipação da alfabetização na educação infantil. A obra ressalta que submeter crianças pequenas ao ensino formal da escrita, sem que estejam preparadas para isso, pode gerar frustração e desinteresse, além de comprometer o desenvolvimento de outras habilidades essenciais, como a oralidade e o pensamento simbólico. Dessa forma, a escrita deve ser introduzida gradualmente, respeitando o ritmo e as experiências das crianças (Miller e Mello, 2008).

Outro aspecto fundamental discutido é a ludicidade como eixo estruturante da aprendizagem. O estudo reforça que as atividades lúdicas, como contação de histórias, brincadeiras simbólicas, desenho e jogos verbais, são essenciais para que a criança compreenda a escrita como um instrumento de comunicação e expressão. Assim, a ludicidade não deve ser vista como um complemento, mas como um elemento central no processo de ensino da linguagem escrita (Miller e Mello, 2008).

A escrita, no contexto da educação infantil, é um processo essencial no desenvolvimento das crianças, representando mais do que o simples domínio de técnicas gráficas. Para Vygotsky (1991), a escrita é uma ferramenta cultural mediadora do pensamento e da comunicação, adquirida por meio de interações sociais e práticas significativas. Sua aprendizagem deve ser vista como parte de um processo contínuo, no qual a criança se apropria das funções simbólicas e sociais da linguagem escrita.

Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento das habilidades de escrita tem origem no plano social, sendo posteriormente internalizado como um recurso individual. Essa perspectiva ressalta o papel das interações mediadas no processo de alfabetização, em que o professor e os colegas desempenham papéis fundamentais. Nesse contexto, a escrita não é apenas um objetivo isolado, mas parte de um ambiente cultural que confere significado aos símbolos e aos textos produzidos.

Miller e Mello (2008) destacam que, na educação infantil, é essencial

apresentar a escrita como uma prática cultural com funções comunicativas e sociais. Propor atividades como a criação de listas, o envio de bilhetes ou a escrita coletiva em sala de aula contribui para que as crianças entendam a utilidade prática da escrita, inserindo-a em um contexto que vai além da sala de aula.

Vygotski (1991) introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) para explicar como a aprendizagem ocorre a partir do que a criança pode realizar sozinha e do que consegue atingir com a ajuda de um adulto ou de pares mais experientes. Vygotski (1991) enfatiza que o professor, ao identificar a ZDP de cada criança, pode oferecer desafios apropriados que permitam o avanço gradual das habilidades de escrita. Essa abordagem respeita os tempos e os níveis de desenvolvimento de cada aluno, promovendo um aprendizado significativo e individualizado.

No contexto da escrita, essa mediação é fundamental para que a criança amplie suas habilidades e alcance níveis mais complexos de expressão. Ao introduzir a escrita na educação infantil, o professor pode atuar como mediador, incentivando as crianças a experimentarem novas formas de expressão por meio de atividades interativas e colaborativas. A escrita coletiva, por exemplo, permite que as crianças avancem na compreensão de como as palavras e os textos se estruturam, sempre com o suporte necessário para superar os desafios encontrados.

Nesse processo de mediação, as atividades lúdicas assumem um papel essencial. Para Vygotski (1991), no que se refere à escrita, as atividades lúdicas desempenham um papel crucial ao conectar os símbolos gráficos ao universo imaginativo e simbólico das crianças.

Complementando a visão de Vygotski, Miller e Mello (2008) ressaltam que a mediação pedagógica deve ocorrer em um ambiente alfabetizador em que, o professor deve criar um ambiente alfabetizador que encoraje a exploração, a experimentação e a prática da escrita. Nesse contexto, não se trata apenas de ensinar as técnicas de formação de letras e palavras, mas de proporcionar experiências que integrem a escrita ao cotidiano da criança.

A escrita, na perspectiva vygotskiana, é parte de um processo mais amplo de letramento, no qual a criança não apenas aprende a escrever, mas também a compreender o uso da escrita em diferentes contextos sociais. Miller e Mello (2008) defendem que alfabetização e letramento devem ser trabalhados de forma integrada, permitindo que as crianças desenvolvam uma relação funcional e crítica com a

escrita desde cedo.

A leitura e a escrita estiveram tradicionalmente ligadas a introdução da criança ao Ensino Fundamental, contudo, atualmente não se fala mais em pessoas que aprendem a ler com apenas seis ou sete anos de idade, mas de bebês que, a partir do seu primeiro contato com o mundo, interagem com a linguagem. Todas as crianças, a partir do seu nascimento, começam a compreender o que veem e escutam, inserindo-se na linguagem e assimilando o que vivenciaram (López, 2016).

A formação do leitor, portanto, se inicia desde sua chegada ao mundo. A leitura oferece às crianças o desenvolvimento e a expansão do seu conhecimento e das suas referências culturais. É uma tarefa que abarca finalidades como percepção intelectual e de mundo. Sob o escopo escolar, não se limita apenas à palavra, mas a sons, imagens e diversas outras interpretações (Martins, 2003).

As produções escritas das crianças, por sua vez, são manifestadas pelas suas próprias expressões corporais, desenhos, pinturas, colagens, dentre outros (Corsino *et al*, 2016). Por meio dessas, meninos e meninas passam pelo processo de construção de sua própria identidade, de interações que produzem importantes fontes de informação, e de suas próprias demandas e curiosidades.

Como destaca Vygotsky (1991), a escrita não pode ser realizada de forma mecânica, por isso a brincadeira das crianças é vista por ele como um viés fundamental para a apropriação dessa prática. Ela também se encontra no âmago social, sendo atividade por meio da qual a criança aprende a ouvir, a falar, a entender o outro e o mundo a sua volta. Não se trata mais de uma ação com uma visão empobrecida ligada a realização de bons traços gráficos e técnicas, mas de processo que implica na criança a possibilidade para tecer ideias e expressar sentimentos.

A criança passa a entender que a linguagem oral e escrita diz respeito a produção de um discurso por meio do qual ela se comunica. Cintra, Pires e Andrade (2020) ressaltam que, textos que apresentam imagens ou cantigas podem ser trabalhados de forma compartilhada com as crianças, ajudando a desenvolver sua capacidade criativa e intelectual. Tanto a leitura como a escrita devem ser estimuladas pelo prazer, contribuindo para a formação desses leitores e proporcionando o incentivo à leitura e à escrita desde a infância.

A Educação Infantil, portanto, tem importantes funções nisto, como ofertar momentos para que elas possam narrar suas experiências, abordar a cultura e a arte para expandir o conhecimento das crianças, introduzir jogos linguísticos que

envolvam o ritmo da linguagem, assim como rimas, canções e poemas, são atividades que irão favorecer a introdução das crianças à leitura e escrita. Apoiada neste pensamento, Patrícia Corsino destaca que a leitura e a escrita na Educação Infantil abrange perspectivas que são social e historicamente elaboradas em diversos campos: da linguagem, da infância e da educação. Segundo ressalta, as crianças são indivíduos ativos e criativos, estando inseridas no mundo da linguagem desde que nascem, conhecendo a si e ao mundo pelas palavras. Com isso, estabelecem relações, se expressam, participam da sociedade, adquirem conhecimento e se relacionam com o meio (Mendes, 2023).

Conforme destaca Cintra, Pires e Andrade (2020, p. 268), quando o professor privilegia o desenvolvimento de um trabalho dinâmico, inserindo textos e gêneros literários diversos aos alunos, pode desenvolver neles o gosto pela leitura e pela escrita ainda na infância. Assim, “é recomendável que ler e escrever tenha como objetivo a inserção do sujeito na cultura letrada [...]. É possível traçar caminhos na educação infantil onde a criança deva e possa ter acesso à leitura e escrita de forma natural, alegre e contagiante”.

A literatura infantil, por exemplo, explora competências e desafia as crianças em diversos aspectos, pois investigam o gosto infantil por aprender o nome das coisas, enriquecendo seu o campo semântico; livros que apresentam poemas, jogos, versos, exploram a curiosidade e o gosto pela musicalidade; jogos de linguagem posiciona a linguagem como fonte de diversão; os livros de história exploram o interesse pela ficção, dentre outros.

Para Vygotsky (1987),

Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras (Vygotsky, 1987, p. 134).

Isto posto, observa-se que o desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação Infantil a partir da inclusão de projetos pedagógicos que levam em consideração a integração de atividades em que jogos esteja presente possui grande impacto na vida das crianças. Tais práticas educativas realizadas pelos professores incentivam interações entre as crianças, estimulam a fala, oportunizando a troca de experiências e narrativas entre elas, evidencia a compreensão de que a leitura e a

escrita estão inseridas no âmbito social e que irão favorecer a interação delas com a sociedade, engrandecem a inserção delas na cultura escrita pelo convívio com variados gêneros discursivos orais e escritos.

3 A TEORIA DE VYGOTSKI E A MEDIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA

A teoria de Vygotsky enfatiza a mediação como elemento central no desenvolvimento humano, especialmente na aquisição de práticas culturais como a escrita. Segundo o autor, a mediação ocorre por meio de instrumentos e signos, sendo a linguagem escrita um dos mais sofisticados. Para Vygotsky (1991), o aprendizado da escrita não é um processo natural como o da fala, mas um constructo social que requer intencionalidade, interações significativas e a mediação de um agente mais experiente. Esse princípio é relevante no contexto da educação infantil, onde os jogos pedagógicos assumem papel fundamental ao conectar a criança ao universo letrado.

Na obra de Vygotski (1928), intitulada “Psicologia, Educação e Desenvolvimento”, se trata de uma das mais importantes contribuições ao campo da psicologia e da educação. Nesse estudo, Vygotsky busca estabelecer uma ligação profunda entre os processos psicológicos e o desenvolvimento humano, contextualizando o papel da educação nesse processo. A obra aborda de maneira integrada as questões do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem, enfatizando a relevância da interação social e da cultura no desenvolvimento da mente humana. Ao correlacionar os conceitos de psicologia e educação, Vygotsky propõe um modelo pedagógico que visa a transformação do sujeito por meio de uma educação que respeite a dinâmica entre o individual e o social, o biológico e o cultural.

O eixo central do estudo de Vygotsky (1928), é acerca da ideia de que o desenvolvimento humano ocorre de forma dialética, ou seja, é resultado de uma interação constante entre fatores internos (biológicos, genéticos) e externos (sociais, culturais). Para ele, o desenvolvimento cognitivo não é um processo isolado ou apenas uma consequência de mudanças biológicas; ao contrário, ele se dá a partir das relações sociais, da comunicação e da troca de experiências. Nesse sentido, a obra de 1928 desafia as concepções tradicionais que tratavam o desenvolvimento como algo linear e mecanicista, propondo que o processo de aprendizagem é essencialmente social e depende da mediação de ferramentas culturais e da linguagem.

Uma das principais contribuições da obra é o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que reflete de maneira prática como o conhecimento se desenvolve no contexto educacional. A ZDP descreve a diferença entre o nível de desenvolvimento que uma criança pode atingir sozinha e aquele que ela pode alcançar com o auxílio de um adulto ou de colegas mais experientes. Vygotsky argumenta que o aprendizado não se dá apenas pela repetição de conteúdos ou pela absorção passiva de informações, mas, sim, pela interação que desafia o estudante a avançar além de suas capacidades atuais, por meio da ajuda de um outro, seja um professor ou um colega. Esse conceito reforça a ideia de que a educação deve ser compreendida como um processo ativo e colaborativo, onde a construção do conhecimento é uma troca contínua entre sujeitos (Vygotsky, 1928).

A mediação na aprendizagem da escrita, na perspectiva vygotskiana, está intrinsecamente ligada ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Vygotski (1991) destaca que a criança aprende mais eficientemente quando apoiada por um adulto ou por colegas que já dominam determinado conhecimento. No caso da educação infantil, o professor exerce essa função ao introduzir práticas de escrita de forma lúdica, por exemplo, através de jogos ou brincadeiras educativas que integrem símbolos gráficos e situações cotidianas.

Comparando as perspectivas de Vygotsky e Emília Ferreiro, autora de *Psicogênese da Língua Escrita*, identifica-se um ponto de convergência no reconhecimento de que a escrita não é assimilada de forma mecânica, mas compreendida a partir da interação do indivíduo com o ambiente. Ferreiro e Teberosky (1999) demonstram que a criança constrói hipóteses sobre a escrita ao longo de seu desenvolvimento, o que se alinha à ideia vygotskiana de que a aprendizagem está profundamente conectada às práticas sociais e culturais. Ao mesmo tempo, Vygotski avança ao destacar que a mediação direta do professor pode acelerar o progresso dessas hipóteses, criando um ambiente mais rico e desafiador.

Além disso, o brincar desempenha papel essencial no processo de mediação, conectando o simbólico ao concreto. Vygotski (1991) argumenta que, em jogos lúdicos, a criança opera em um “nível acima” de suas capacidades habituais, experimentando papéis sociais e práticas que lhe permitem internalizar conceitos complexos, como os relacionados à leitura e à escrita. Além disso, atividades lúdicas com foco na escrita, como desenhar letras ou montar palavras com blocos, possibilitam a construção de um repertório que serve de base para a alfabetização

(Mendonça e Miller, 2016)

Vygotski (1991) enxerga o professor como um elemento-chave para criar um ambiente em que a criança possa interagir com a escrita de forma contextualizada e significativa, especialmente em atividades que envolvem a leitura e a criação de textos.

Observa-se que a mediação na escrita da educação infantil não pode ser reduzida à instrução técnica. Ela deve incluir práticas interativas, colaborativas e lúdicas que respeitem o desenvolvimento cognitivo da criança e promovam seu engajamento. Como enfatizam Miller e Mello (2008), a escrita deve ser apresentada como uma ferramenta social e cultural que facilita a comunicação e a expressão criativa desde a infância.

A obra supramencionada reforça a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize a ludicidade e o contexto social na aprendizagem da escrita. Essa visão está alinhada com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), que preconizam a importância das interações e brincadeiras na construção do conhecimento. Assim, a escrita, longe de ser um treino mecânico, deve ser vivenciada como uma prática significativa que promove o desenvolvimento integral da criança.

Ao analisar a relação entre psicologia, educação e desenvolvimento, Vygotsky também introduz a importância da mediação na aprendizagem. Para ele, a mente humana não se desenvolve de forma direta com o mundo, mas por meio de mediadores culturais, como a linguagem, as ferramentas e as normas sociais. Em outras palavras, a interação entre o sujeito e o objeto de aprendizagem não é imediata, mas mediada por signos e símbolos que carregam o conhecimento acumulado pela cultura. Nesse contexto, a linguagem é vista como a ferramenta fundamental para a mediação do pensamento e da aprendizagem. A linguagem, para Vygotsky, não é apenas um meio de comunicação, mas uma ferramenta que organiza o pensamento, permite a reflexão e possibilita o aprendizado de novos conceitos e habilidades. A partir disso, ele propõe que a educação deve considerar o contexto sociocultural do aluno, entendendo que o conhecimento é sempre historicamente situado e culturalmente condicionado (Vygotsky, 1928).

Um ponto central na obra é a crítica que Vygotsky faz ao modelo de ensino tradicional, que muitas vezes é centrado em um modelo unidirecional de transmissão de conhecimento. Vygotsky argumenta que o ensino deve ser dinâmico e orientado por uma compreensão mais ampla do processo de desenvolvimento humano. A

aprendizagem não pode ser tratada apenas como um processo de assimilação de informações, mas deve envolver a resolução de problemas, a investigação, o pensamento crítico e a colaboração entre os sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a obra oferece uma abordagem construtivista que valoriza o papel ativo do aluno e a importância das interações sociais no processo de aprendizagem (Vygotsky, 1928).

Ao correlacionar a psicologia com a educação, Vygotsky também reconhece a diversidade de formas de desenvolvimento cognitivo entre os indivíduos. A educação, portanto, não deve ser vista como um processo homogêneo, mas como algo que respeita as diferenças individuais, as experiências e os contextos de cada aluno. A teoria vygotskyana propõe que, para que o aprendizado seja eficaz, a educação deve se adaptar às necessidades do aluno, criando condições para que ele se desenvolva dentro de sua ZDP, promovendo avanços graduais a partir de desafios adequados ao seu nível de capacidade (Vygotsky, 1928).

A aplicação prática da obra de Vygotsky na educação é, portanto, de grande relevância. Através da compreensão da ZDP, o educador passa a ter uma visão mais holística da aprendizagem, deixando de ser um transmissor de conteúdo e tornando-se um mediador do desenvolvimento cognitivo. A educação vygotskyana é uma educação que valoriza a troca e o diálogo entre os sujeitos, e que considera a linguagem como o principal veículo de construção do pensamento. Além disso, essa visão pedagógica enfatiza a importância da cultura na formação do indivíduo, destacando que o desenvolvimento cognitivo é inextricavelmente ligado ao contexto social e cultural no qual o sujeito está inserido (Vygotsky, 1928).

Vygotsky (1928) também propõe que o conhecimento é sempre uma construção social. Os seres humanos, ao interagirem uns com os outros, compartilham significados, ferramentas e práticas culturais, o que permite a construção e a internalização de novos conhecimentos. Esse processo de socialização do conhecimento é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, e a educação, para Vygotsky, deve ser entendida como uma prática social e cultural que visa a inclusão de todos os indivíduos no processo de construção do saber.

Logo, as contribuições de Vygotsky (1928), representam uma reflexão necessária e aprofundada sobre a relação entre o desenvolvimento humano, a educação e a psicologia. Ao destacar a importância da mediação social e cultural e da interação entre os indivíduos no processo de aprendizagem, Vygotsky propõe um modelo educacional que vai além da simples transmissão de conteúdos, enfatizando a

importância da colaboração, da linguagem e da contextualização cultural. Suas ideias continuam sendo de extrema relevância para a educação contemporânea, e sua abordagem tem sido amplamente aplicada em práticas pedagógicas que buscam promover uma educação inclusiva, dinâmica e respeitosa das diferentes trajetórias de desenvolvimento dos alunos.

O educador deve atuar como facilitador, criando um ambiente alfabetizador rico, oferecendo desafios ajustados à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) da criança e incentivando sua autonomia na exploração da escrita. Dessa maneira, a escrita passa a ser um processo natural e prazeroso, integrado ao cotidiano infantil (Miller e Mello, 2008).

4 PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O desenvolvimento da escrita na educação infantil não ocorre de forma espontânea, mas sim por meio de estratégias pedagógicas bem fundamentadas que considerem as especificidades cognitivas e sociais da criança. De acordo com Vygotski (1991), a aprendizagem é um processo social, mediado por interações e construído coletivamente. Isso implica que, para o desenvolvimento da escrita, não basta apenas o contato passivo com o ambiente letrado, mas é necessária uma mediação ativa do professor que organize situações de aprendizagem desafiadoras e contextualmente significativas. A escrita, portanto, deve ser ensinada de maneira gradual, contextualizada e integrada a outras práticas pedagógicas, como a brincadeira, a linguagem oral e a leitura.

A primeira estratégia pedagógica essencial para o desenvolvimento da escrita é a construção de um ambiente rico em práticas de letramento. Ao colocar a criança em contato com diversas formas de escrita, como listas, cartas, receitas e sinais, o professor permite que ela compreenda a escrita como uma prática social, usada para comunicar ideias e organizar o mundo ao seu redor. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a criança, ao observar e interagir com essas práticas, começa a atribuir significado às letras e palavras, avançando em sua compreensão sobre a função social da escrita. Por meio de atividades como copiar palavras, formar frases e criar histórias, a criança passa a entender a escrita não como uma simples decodificação de letras, mas como uma ferramenta de comunicação que possibilita a expressão de pensamentos e sentimentos.

Outra estratégia pedagógica importante é a utilização de atividades de escrita e leitura compartilhada. O conceito de leitura e escrita compartilhada envolve a interação entre o professor e os alunos, sendo a escrita produzida em conjunto, de forma coletiva. Durante esse processo, o professor atua como mediador, orientando as crianças sobre as convenções da escrita, como o uso de letras, espaços e pontuação. Vygotski (1991) destaca que esse tipo de interação é fundamental para o desenvolvimento da escrita, pois, ao envolver a criança em um processo colaborativo, o professor oferece suporte dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, no espaço entre o que a criança já sabe e o que é capaz de aprender com a ajuda de um adulto ou de colegas mais experientes. Através da leitura compartilhada, as crianças também são expostas a diferentes tipos de texto, o que enriquece seu repertório e amplia suas habilidades linguísticas.

A exploração do mundo escrito também pode ser realizada por meio de projetos de escrita, que permitem que as crianças se envolvam ativamente na criação de textos com um propósito social. Projetos como a criação de um jornal da turma, a elaboração de livros ilustrados ou a escrita de cartas para outras turmas ou para familiares possibilitam que as crianças vejam a escrita como uma ferramenta para resolver problemas e para interagir com os outros. Essas atividades exigem que as crianças usem a escrita de forma significativa, aplicando o conhecimento adquirido de forma criativa e prática. Como destaca Miller e Mello (2008), a escrita no contexto do projeto torna-se mais do que uma tarefa escolar; ela se transforma em um processo de construção coletiva de significados e, assim, proporciona às crianças uma visão mais ampla e funcional da escrita.

Além disso, a mediação da linguagem oral também deve ser considerada como uma estratégia pedagógica fundamental para o desenvolvimento da escrita. Piaget (1976) sugere que a linguagem oral e a escrita estão intimamente relacionadas no desenvolvimento cognitivo da criança, e a transição entre uma e outra deve ser acompanhada de perto. Ao proporcionar momentos de conversa, de troca de ideias e de construção de narrativas orais, o educador está preparando o terreno para a escrita. As atividades de reescrita de histórias, contação de causos ou dramatizações, por exemplo, são essenciais para a criança internalizar as convenções da narrativa e os elementos estruturais da escrita, como introdução, desenvolvimento e conclusão. A partir da linguagem oral, a criança pode avançar para a produção escrita, trazendo suas experiências e vivências para o papel.

Outro aspecto relevante para o desenvolvimento da escrita são as atividades que envolvem a manipulação de materiais concretos, como as letras móveis, os jogos com letras e palavras e a escrita em diferentes superfícies. Essas atividades favorecem a coordenação motora fina, essencial para o domínio da escrita. A escrita não se resume ao aspecto cognitivo, mas também envolve a realização de gestos motoras precisas, como segurar a caneta e formar as letras. Nesse sentido, atividades que estimulem o uso de materiais manipuláveis são fundamentais para o desenvolvimento dessa habilidade. Além disso, o uso de diferentes suportes, como papéis coloridos, quadros magnéticos e até dispositivos digitais, contribui para que a criança perceba a escrita como uma prática diversificada e contextualizada, facilitando sua aprendizagem (Mendonça e Miller, 2016).

De acordo com Vygotsky (1991), o processo de aprendizagem é mediado pela interação social e pela linguagem. Nesse sentido, a escrita deve ser vista como uma prática social que vai além da simples decodificação e codificação de palavras. A escrita é, na visão de Vygotsky, um instrumento de comunicação e de mediação de significados, que só pode ser apropriadamente aprendida quando a criança está inserida em práticas sociais de letramento. Portanto, a escrita deve ser ensinada de maneira interativa e mediada, onde a criança possa experimentar, criar e compartilhar suas produções textuais.

Por fim, é imprescindível que as estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da escrita considerem a individualidade de cada criança, respeitando seus tempos e formas de aprendizagem. A escrita deve ser estimulada de maneira flexível, permitindo que a criança explore suas potencialidades de forma lúdica e prazerosa. Conforme Piaget (1976), o processo de construção do conhecimento é gradual e depende da interação da criança com seu ambiente, e a escrita é mais um dos muitos elementos que ela internaliza por meio de suas interações com o mundo. Nesse sentido, as atividades de escrita devem ser planejadas de forma que favoreçam a autonomia da criança, ao mesmo tempo em que proporcionem a mediação necessária para que ela avance em sua aprendizagem.

4.1 Diretrizes Curriculares Nacionais de 2009

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, estabelecidas pela Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009, enfatizam a importância de uma

educação que respeite o desenvolvimento integral da criança, considerando suas especificidades e necessidades. Essas diretrizes orientam a prática pedagógica a partir de uma perspectiva que valoriza a interação, a expressão e a construção do conhecimento por meio de experiências significativas, incluindo o brincar como um eixo estruturante do aprendizado.

No contexto da escrita na educação infantil, a Resolução reforça que o processo de alfabetização não deve ocorrer de maneira mecanicista ou antecipada, mas sim inserido em práticas que favoreçam a construção do conhecimento de forma contextualizada e prazerosa. Assim, o documento sustenta a importância de ambientes alfabetizadores ricos, onde a criança possa explorar a escrita como uma ferramenta de comunicação e expressão, sempre mediada pelo educador.

Dessa forma, a relação entre as DCNEI de 2009 e a prática da escrita no contexto das atividades lúdicas na educação infantil se estabelece de maneira intrínseca. O documento orienta que as práticas pedagógicas considerem o desenvolvimento global da criança, promovendo interações que favoreçam sua autonomia e participação ativa no processo de aprendizagem. Nesse sentido, a ludicidade surge como um meio fundamental para a internalização dos conceitos relacionados à leitura e à escrita, permitindo que a criança compreenda a função social desses elementos de maneira significativa.

Portanto, tais diretrizes reafirmam que a aprendizagem da escrita deve ocorrer em um contexto de experiências concretas e interativas, em que a ludicidade não é apenas um complemento, mas sim uma estratégia essencial para potencializar o desenvolvimento infantil e garantir uma educação equitativa e de qualidade.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), a ludicidade é mencionada principalmente no eixo das “interações e brincadeiras”, destacando-se como um princípio essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. O documento enfatiza que o brincar deve ser valorizado como uma linguagem fundamental da criança, promovendo a construção do conhecimento, a socialização e a expressão de ideias. Além disso, a ludicidade aparece na organização dos campos de experiências e práticas pedagógicas, reforçando que a educação infantil deve garantir um ambiente rico em estímulos e interações significativas.

A obra de Mello *et al.*, (2010) apresenta uma análise aprofundada sobre o processo de aprendizagem da escrita, destacando a importância da interação social e das experiências significativas na construção do conhecimento infantil. A partir das

concepções de Vygotski, a autora evidencia que a escrita não é uma habilidade adquirida isoladamente, mas sim um processo mediado por interações com o meio social, tornando-se essencial proporcionar contextos de aprendizagem que favoreçam essa apropriação.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) ressaltam a ludicidade como um eixo estruturante do ensino, enfatizando que o brincar é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Mello *et al.*, (2010) corrobora essa visão ao demonstrar que a escrita, quando inserida em práticas lúdicas, torna-se mais significativa para as crianças, pois permite que elas compreendam sua função social de maneira contextualizada e prazerosa. Atividades como jogos verbais, narrativas coletivas e exploração de materiais escritos estimulam a criança a perceber a escrita não apenas como um código, mas como um meio de expressão e comunicação.

Além disso, a obra discute o papel do educador como mediador do aprendizado, alinhando-se à concepção vygotskiana da Zona de Desenvolvimento Proximal. Nesse contexto, o professor deve criar um ambiente alfabetizador rico, no qual a ludicidade seja utilizada como estratégia para estimular a curiosidade e o engajamento da criança no processo de escrita. Assim, a mediação pedagógica deve incluir práticas que permitam à criança explorar a linguagem escrita de forma autêntica, favorecendo sua progressiva autonomia nesse campo.

Logo, a intrincada relação entre a obra de Mello *et al.*, (2010), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2009) e os fundamentos da aprendizagem da escrita reforça a necessidade de uma abordagem pedagógica que priorize a ludicidade. O desenvolvimento da escrita na educação infantil não deve ser um processo mecânico, mas sim um caminho construído por meio de interações significativas, no qual a criança possa vivenciar a escrita de maneira natural e motivadora, consolidando seu aprendizado de forma integrada ao seu cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e análises realizadas ao longo deste trabalho, pode-se concluir que a ludicidade desempenha um papel essencial no processo de aprendizagem, especialmente no desenvolvimento cognitivo e social infantil, com reflexos significativos na leitura e escrita. A interação social, conforme destacado por Vygotsky,

é fundamental para a aquisição do conhecimento, uma vez que a aprendizagem ocorre em um contexto dinâmico e colaborativo, mediado por interações entre a criança, seus pares e educadores.

No que se refere ao desenvolvimento da escrita, compreende-se que a oralidade é um elemento estruturante, servindo como base para a internalização de padrões linguísticos e sintáticos que posteriormente serão aplicados na produção textual. Piaget e Vygotski reforçam que a mediação do educador é essencial para potencializar esse processo, permitindo que a criança avance em sua zona de desenvolvimento proximal por meio de desafios adequados ao seu nível de compreensão.

Dessa forma, práticas pedagógicas que favorecem a inserção da leitura e da escrita em atividades significativas são imprescindíveis para a efetivação desse aprendizado. O professor, ao estruturar um ambiente rico em práticas de letramento, promove a percepção da escrita como uma ferramenta de comunicação e expressão de ideias, ampliando a compreensão da criança sobre sua função social.

Portanto, a ludicidade não se limita a um recurso auxiliar, mas constitui um eixo estruturante no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, tornando a experiência educacional mais significativa, prazerosa e eficaz para as crianças. Ao considerar a ludicidade como um princípio pedagógico, o educador possibilita que a escrita seja assimilada de maneira contextualizada, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança e para sua formação como sujeito ativo na sociedade.

Além disso, as autoras enfatizam o papel da oralidade na apropriação da escrita. Antes de escrever, a criança precisa desenvolver sua capacidade de comunicação verbal, ampliando seu vocabulário, construindo narrativas e interagindo socialmente. Esse processo fortalece a base para a aquisição da escrita, pois permite que a criança compreenda a estrutura da língua e sua função social. O estudo destaca a importância da mediação do professor no processo de desenvolvimento da linguagem escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes; PIRES, Jucileia Obregon; ANDRADE, Luci Carlos de. Leitura e escrita na educação infantil: caminhos possíveis. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, número especial, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9879>. Acesso em: 28 out. 2023.

CORSINO, Patrícia *et al.* Leitura e escrita na educação infantil: concepções e implicações pedagógicas. *In: Crianças como leitoras e autoras*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1. ed. Brasília: MEC /SEB, 2016.

FERREIRO, E., & TEBEROSKY, A. (1999). **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed.

MELLO, Suely Amaral. **A apropriação da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MILLER, Stela. MELLO, Suely Amaral. **O desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças de zero a cinco anos**. Curitiba: Pró-Infanti Editora, 2008.

LÓPEZ, María Emilia. Os bebês, as professoras e a literatura: um triângulo amoroso. *In: Bebês como leitores e autores*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1. ed. Brasília: MEC / SEB, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MENDES, Adelma Barros. Leitura e escrita na educação infantil: Consensos, tensões e disputas e os professores e suas inquietações em meio a tudo isso. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 19, 2023. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/737/481>. Acesso em: 28 out. 2023.

MENDONÇA, S. G. L., & Miller, S. (2016). **Vygotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. 2ª ed. Brasília: MEC/SEB.

MILLER, S., & Mello, S. A. (2008). **O desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças de 0 a 5 anos**. Curitiba: Pro-Infanti Editora.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *In: GT Alfabetização, Leitura e Escrita*, 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, MG, 5 de outubro de 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A construção social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. (1991). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento**. Tradução de Maria Lucia de Arruda Aranha. 1. ed. São Paulo: *Editora Imago*, 1989.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.